



Poços de Caldas

# 3º Congresso Nacional de Educação

## OS DISCURSOS EM QUE SE CONSTITUEM OS ENUNCIADOS DOS CADERNOS DISTRIBUÍDOS AOS PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE SÃO PAULO

AUTORA: Rita de Cássia Antonia Nespoli Ramos

Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de Piracicaba

ritanespoli@uol.com.br

EIXO TEMÁTICO: **Currículo, Metodologia e Práticas de Ensino**

RESULTADO DE PESQUISA

AUTORA APRESENTADORA: Rita de Cássia Antonia Nespoli Ramos

### RESUMO

De 2008 a 2014, a experiência com alunos de sexto-ano em escolas estaduais, propiciou o contato com os Cadernos de Língua Portuguesa destinados a professores e a alunos e que fazem parte do Material de apoio ao Currículo do Estado de São Paulo. Diante desse aparato que se apresenta como “material de apoio” aos saberes e às práticas pedagógicas do professor, pensou-se em escrever esse artigo para refletir como se constrói a imagem do professor e do aluno, nas situações de aprendizado. Essa reflexão é importante, pois pode contribuir para que se repense os livros didáticos com o único instrumento do professor, o que pode contribuir, dentre muitos outros problemas, para desvalorizá-lo. Para a análise, escolheram-se como suporte teórico os estudos dialógicos do discurso. Como resultados, depreendeu-se dos enunciados, pelo menos duas imagens do professor, como aquele que deve seguir determinada trajetória para as atividades propostas e como um profissional que pode ser o protagonista do ensino.

**PALAVRAS CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa, Professores, Livro Didático**

## INTRODUÇÃO

A partir de 2008, nas escolas estaduais de São Paulo, foi apresentado aos professores da Rede Pública de Ensino pela Secretaria do Governo do Estado de São Paulo os Cadernos do Professor e do Aluno que fazem parte do Material de apoio ao Currículo do Estado de São Paulo. Nesses Cadernos, há os conteúdos que o Governo do Estado acredita serem os mais pertinentes e adequados e organizam-se em “Situações de Aprendizagem”. Como professora de Português na cidade de Piracicaba e tendo como base os parâmetros dos Cadernos, houve o interesse em descrever o jogo de vozes que atravessam esse material e entender como os enunciados presentes respondem a outro, mesmo que muitas vezes as vozes estejam pressupostas. Essa descrição contribui para que se entenda as imagens sobre o professor, o aluno e ensino que se depreende do material.

Diante desse objetivo, busca-se respaldo nos estudos dialógicos. Ao afirmar que as palavras não são neutras, mas carregadas de ideologia, Bakhtin (2006) afasta-se de uma concepção que credita à palavra ter como característica a clareza, a transparência, o sentido “dicionarizado” e universal. Isto quer dizer que as palavras funcionam como signos ideológicos que só têm sentido quando tomadas por um locutor em determinado tempo e espaço. Na perspectiva do dialogismo, essa tomada de posição não é construída no momento da enunciação ou inventada pelo enunciador, mas refere-se às crenças (religião, política, valores...) que constituem os falares do sujeito. A enunciação, nesse sentido, não pode ser descrita como monológica (individual e isolada), mas na interação de pelo menos duas enunciações; além disso não há um locutor que enuncia a partir de seus próprios conhecimentos, pois “o locutor é dono da palavra, apenas no ato fisiológico da materialização da palavra” (BAKHTIN, 2006, p. 117).

A partir desse aparato teórico-investigado, é possível descrever como em enunciados, dirigidos a professores, podem-se depreender discursos que podem soar antagônicos nas atividades de ensino-aprendizado e erigir a imagem de como se deve conduzir o ensino.

## METODOLOGIA

Os Cadernos são divididos por bimestres e oferecidos gratuitamente de forma distintas: 1) Cadernos do aluno e 2) Cadernos do professor. Diante das características do material de análise e de acordo com a experiência majoritária com alunos de sexto ano, delimitou-se o Caderno do Professor dessa série e período (primeiro semestre).

Procurou-se selecionar o conceito dos gêneros “narrativa” e “relato”, pois, por meio dessa definição, seria possível entrever os discursos linguísticos e pedagógicos com os quais há diálogo. Ao verificar-se o Caderno do Professor, encontrou-se a diferenciação do conceito de dois gêneros, “relato” e “narrativa”, inseridos em uma caixa de fundo cinza, e emoldurada com pontilhado. O trecho recortado permite verificar as relações dialógicas, pois se dirigem ao “professor” e, por meio deles, podem-se descrever as práticas pedagógicas e os comportamentos propostos aos docentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresenta-se, abaixo, o trecho escolhido para a análise:

Para você, professor!

O conjunto de imagens e textos analisados até aqui deve revelar aos alunos um contexto bastante específico: o da criação de histórias, de narrativas. Trata, portanto, de diferenciar os relatos da vida cotidiana das narrativas literárias ficcionais, construídas com base em ações organizadas por meio da criação de intrigas, com o objetivo de inserir-se na cultura ficcional. Ou seja, diferentemente dos relatos, as narrativas têm seu compromisso firmado com a mimese da ação por meio da criação de intrigas.

É importante, nesta etapa da atividade, que os alunos compreendam que, diferentemente do relato, a tal “história” tratada nos textos escolhidos por você precisa ser construída a partir de uma trama ou enredo que orienta todas as ações dos personagens, conduzindo-os para um desfecho. Não basta apenas narrar ou descrever fatos, como no caso do relato. (SÃO PAULO, 2014, p.35)

Em termos formais, no trecho há um interlocutor específico: “para você professor”. Ao determinar o interlocutor, tem-se uma sequência linguística próxima da carta, do *e-mail*, gêneros que apesar de não determinarem o tipo de discurso, privilegia-se o interlocutor, a quem eles visam. Nesse sentido, consideram-se os conhecimentos do destinatário (por exemplo: o professor sabe que há diferenças entre os gêneros) e antecipam-se suas possíveis reações (explicam os motivos das ações do professor serem necessárias: os alunos precisam aprender a diferenciar os gêneros; apresenta-se uma concepção de textos).

Tem-se, então, uma sequência narrativa inteiramente construída em função da perspectiva de outra pessoa: *o professor*. O trecho é todo semeado de definições e ordens, de julgamentos do autor que constituem seu discurso. Assim, para o autor, o professor é apenas um “reprodutor de atividades” (escolher textos adequados, seguir uma proposta de ensino), a visão construída do docente é a do próprio autor, que por ser ideológica (visão de mundo) apoia-se em práticas pedagógicas do que é ser um bom professor (apresentar textos, conhecer determinados conceitos, seguir etapas). e linguísticos (os conceitos dos gêneros).

O enunciado *a tal ‘história’ tratada nos textos escolhidos por você* chama a atenção, pois pressupõe o professor como parceiro e autônomo no processo de escrita. Essa sugestão pode ser confirmada na proposta do professor estar livre para escolher outros “textos” e “imagens”. Tal perspectiva é coerente com um material didático que se propõe como de apoio e sugere autonomia ao professor para selecionar textos, imagens e escolher outros materiais didáticos. Se o professor e outros agentes escolares não privilegiarem esse olhar de pluralidade podem ficar presos em uma artimanha: chama-se o docente para participar do processo de ensino, no entanto, dita-se *a priori*, o que deve ser ensinado, as teorias às quais deve filiar-se e a uma concepção de linguagem e de ensino que deve ser assumida em sala de aula.

Diante das análises apresentadas, depreende-se que, coexistem, nos enunciados, do livro didático, duas visões de ensino. Isto porque, há uma imposição para as atividades do

professor e um trajeto para ela ser aplicada; e concomitante a essa perspectiva, há o diálogo com o docente sobre as práticas pedagógicas.

## CONCLUSÃO

Na análise apresentada, depreendem-se pelo menos dois discursos. No primeiro, há um professor que deve seguir os passos dispostos no material; e, no segundo, um docente com maior liberdade para fazer escolhas. Essas duas visões não causam uma incoerência ao livro didático, pois reproduzem discursos correntes, como o professor não tem tempo para preparar seus próprios materiais e o docente precisa conduzir o ensino. Em nossa visão, os Cadernos podem adquirir um tom monológico e autoritário e o diálogo não se reproduzir nas condições de produção mais amplas. Isto porque, o material pode ser entendido como imposição para a conduta do professor e erigir um profissional que precisa escutar o que o autor do Caderno diz, avaliar, reavaliar as atividades e se submeter às práticas pedagógicas determinadas por *outro*, mas não por ele, docente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Material de apoio ao Currículo do Estado de São Paulo. Caderno do Professor: Língua Portuguesa**. Ensino Fundamental- Anos Finais, 6º. Anos/7ª. série, volume 1, coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Débora Mallet Pezarin de Angelo, Eliane Aparecida Aguiar, João Henrique Nogueira Mateos, José Marques Lópes Landeira São Paulo: FDE, nova edição: 2014-2017.